não registrar

A PADARIA ESPIRITUAL

(1892 — 1898)

Arnon Sampaio de Azevedo

Publicação da
CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

IMPRENSA UNIVERSITÁRIA — FORTALEZA — 1970

AS-Dv-017 (357) -42-

A PADARIA ESPIRITUAL

(1892 — 1898)

Pesquisa e Texto
SÂNZIO DE AZEVEDO

Publicação da
CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

IMPRENSA UNIVERSITÁRIA — FORTALEZA — 1970

AS-Dv-017 (357) -43-

A RESOLUÇÃO 196, da Universidade Federal do Ceará, de 23 de dezembro de 1966, que instituiu a Casa de José de Alencar, prevê, entre outros objetivos, a promoção de "atividades de pesquisa, extensão e ensino relativamente à vida e obra alencarinas e outras atividades culturais".

Dentre essas outras atividades culturais *entendemos que deve ser dado especial destaque à divulgação da literatura cearense, notadamente dos movimentos que tenham apresentado um conteúdo local e características próprias.*

Assim, pareceu-nos imprescindível focalizar as sociedades literárias que tiveram marcante atuação em nossa vida cultural.

Para iniciar um programa dessa natureza, entendeu a Coordenação da Casa de José de Alencar que, primeiramente, deve ser destacada a Padaria Espiritual, que foi sem dúvida o mais original movimento literário do Ceará e um dos mais interessantes do Brasil.

Antes, porém, da realização de palestras e conferências — destinadas não só a universitários, como a pessoas estranhas à Instituição — acêrca da referida entidade, impôs-se a organização de uma galeria de retratos a óleo de todos os "Padeiros", isto é, os componentes da Padaria Espiritual, tarefa que ficou a cargo do conhecido poeta e pintor Otacílio de Azevedo.

Ilustrando e completando a citada galeria, foi redigida a presente plaqueta, que se constitui numa síntese histórica da entidade, com notas biobibliográficas de seus membros inte-

AS-Dv-017 (357)

grantes, e cuja organização foi confiada ao nosso redator, Sânzio de Azevedo.

Poucos de nossos universitários sabem que existiu no Ceará, na última década do século XIX, a Padaria Espiritual. Êsse fato é geralmente observado em relação aos visitantes, procedentes de diferentes pontos do Brasil.

Assim, acredita a Coordenação da Casa de José de Alencar contribuir para a preservação do patrimônio histórico-literário cearense, fazendo renascer do olvido o bizarro grêmio onde pontificaram Antônio Sales, Adolfo Caminha, Rodolfo Teófilo, Lívio Barreto, entre tantos outros que exerceram papel de destacado relêvo na vida literária do Ceará.

Antonio Martins Filho

Coordenador

Alguns membros da Padaria Espiritual, numa foto tirada provàvelmente em 1894. Da esquerda para a direita, de pé: Artur Teófilo (Lopo de Mendoza), Sabino Batista (Sátiro Alegrete), José Nava (Gil Navarra), Rodolfo Teófilo (Marcos Serrano), Lopes Filho (Anatólio Gerval), Ulisses Bezerra (Frivolino Catavento) e Antônio de Castro (Aurélio Sanhaçu); sentados: José Carvalho (Cariri Braúna), Almeida Braga (Paulo Giordano), Valdemiro Cavalcânti (Ivan d'Azhoff), Antônio Sales (Moacir Jurema), José Carlos Júnior (Bruno Jaci) e Roberto de Alencar (Benjamim Cajuí).

AS-Dv-017 (357) -45-

A PADARIA ESPIRITUAL

Escreveu Adolfo Caminha, num dos artigos que compõem as suas **Cartas Literárias:**

"Perguntas-me, entre curioso e tímido, como é que nasceu a 'Padaria Espiritual'. Sei lá! Quem sabe a verdadeira origem das coisas? O que desde logo te posso ir dizendo é o seguinte: Aos tantos de maio de 1892, foram ao escritório do **Diário**, jornal em que eu trabalhava, dois rapazes (lembra-me bem que um dêles trazia **pince-nez**) convidar-me para fundar uma sociedade literária, cujo nome fôsse 'Padaria Espiritual'.

"— Qual o programa? inquiri depois de estranhar o título.

"— Isso veremos. A primeira sessão preparatória realizar-se-á no 'Café Java', ali à Praça do Ferreira... Você está designado para escrever uma carta a Guerra Junqueiro.

"— Como uma carta a Guerra Junqueiro?

"— O Sales vai se dirigir a Ramalho Ortigão, o Tibúrcio a Eça de Queirós, o Lopes Filho a Antônio Nobre. A você, coube-lhe Guerra Junqueiro.

"— Mas... expliquem-se!

"— Não é nada; uma ousadia, um escândalo, o que você quiser! Trate de fazer a correspondência para ser lida amanhã, no 'forno'.

"— Que devo escrever, então?

18-Dv-017 (357)

"— Fale ao Guerra sôbre a 'Padaria' e diga-lhe que queremos um exemplar da **Morte de D. João**, outro da **Musa em Férias**, outro da **Velhice**... enfim, um exemplar de cada obra dêle para a nossa futura biblioteca. Uma coisa assim...

"Todos nós tínhamos entusiasmo pela gloriosa constelação portuguêsa; recolhemo-nos para meditar frases ao Eça, ao Nobre, ao Ramalho, ao Guerra Junqueiro...

"Reuníamo-nos à porta do 'Café Java', um quiosquezinho de madeira, cujo proprietário, bom homem pernóstico e folgazão, habituara-se àquelas ingênuas conferências ao ar livre.

"No dia marcado, aí pelas sete da noite, inaugurou-se pùblicamente a 'Padaria'. Antônio Sales desenrolou o 'Programa', que fêz rir muito a burguesia curiosa, e leu a carta a Ramalho, verdadeira **Carta de Holanda**, no estilo fresco e sadio do autor de **John Bull**.

"Tocou-me a vez de ler a carta ao poeta da **Velhice**... Falei nas águas históricas do Douro e do Tejo; evoquei o passado, as grandezas da Índia, a batalha de Aljubarrota; gabei os alexandrinos da **Morte de D. João** e da **Sêca do Ceará**; (**sic**) lembrei 'a moleirinha branca, toc, toc, toc...', o 'castanheiro morto', e... deram-me palmas!

"Só depois, em outra reunião, foram lidas as correspondências ao Nobre e ao Eça.

"Estava, enfim, criada a 'Padaria Espiritual', essa 'Padaria' de que hoje se fala até na Rua do Ouvidor e a quem o Sr. Afonso Celso dedicou ùltimamente o seu **Um Invejado**."

* * *

Vê-se, por êste depoimento de Adolfo Caminha, um dos "padeiros" da primeira hora, o espírito de originalidade e de independência que movia os jovens criadores do grêmio.

Não houve, com efeito, em tôda a história literária do Nordeste, ou talvez de todo o Brasil, agremiação mais original do que essa, fundada em Fortaleza, na Rua Formosa (hoje Rua Barão do Rio Branco), n.º 105, no dia 30 de maio de 1892, entidade que em breve teria a satisfação de ver repercutir em todo o País não sòmente a inédita bizarria de seu programa, como também os frutos de seu trabalho intelectual.

Sendo "padaria", propunha-se produzir o pão do espírito; seus sócios seriam "padeiros", sendo Padeiro-Mor o presidente, Primeiro-Forneiro o secretário e "amassadores" os demais. Como era de se esperar, o jornal da entidade intitulava-se **O Pão;** "forno" era o local das sessões, que por sua vez se chamavam "fornadas".

Foram seus Padeiros-Mores Jovino Guedes (1892 a 1894), José Carlos Júnior (1894 a 1896) e Rodolfo Teófilo (1896 a 1898). Teve duas fases, a 1.ª mais brincalhona e a 2.ª mais compenetrada, iniciando-se esta com a reorganização da entidade, em 1894.

Foi Antônio Sales o idealizador da sociedade, sem no entanto haver ocupado o pôsto de Padeiro-Mor (foi Primeiro-Forneiro na gestão dos três presidentes). E de tal maneira era a alma da "Padaria" que esta, com sua partida para o Rio de Janeiro, em 1897, pouco resistiu, realizando-se a derradeira sessão no dia 20 de dezembro de 1898.

Para se ter idéia da originalidade dessa agremiação, diferente de tôdas as outras que vieram antes e depois, basta que se leia o seu

PROGRAMA DE INSTALAÇÃO

1) Fica organizada, nesta cidade de Fortaleza, capital da "Terra da Luz", antigo **Siará Grande**, uma sociedade de rapazes de Letras e Artes, denominada "Padaria Espiritual", cujo fim é fornecer pão de espírito aos sócios, em particular, e aos povos, em geral.

2) A "Padaria Espiritual" se comporá de um Padeiro-Mor (presidente), de dois Forneiros (secretários), de um Gaveta (tesoureiro), de um Guarda-Livros na acepção intrínseca da palavra (bibliotecário), de um Investigador das Coisas e das Gentes, que se chamará Ôlho da Providência, e demais Amas-

AS-DN-017 (357) -47-

sadores (sócios). Todos os sócios terão a denominação geral de Padeiros.

3) Fica limitado em vinte o número de sócios, inclusive a Diretoria, podendo-se, porém, admitir sócios honorários, que se denominarão Padeiros-livres.

4) Depois da Instalação da "Padaria", só será admitido quem exibir uma peça literária ou qualquer outro trabalho artístico que fôr julgado decente pela maioria.

5) Haverá um livro especial para registrar-se o nome comum e o nome de guerra de cada Padeiro, sua naturalidade, estado, filiação e profissão a fim de poupar-se à Posteridade o trabalho dessas indagações.

6) Todos os Padeiros terão um nome de guerra único, pelo qual serão tratados e do qual poderão usar no exercício de suas árduas e humanitárias funções.

7) O distintivo da "Padaria Espiritual" será uma haste de trigo cruzada de uma pena, distintivo que será gravado na respectiva bandeira, que terá as côres nacionais.

8) As fornadas (sessões) se realizarão diàriamente, à noite, à exceção das quintas-feiras, e aos domingos, ao meio-dia.

9) Durante as fornadas, os Padeiros farão a leitura de produções originais e inéditas, de quaisquer peças literárias que encontrarem na imprensa nacional ou estrangeira e falarão sôbre as obras que lerem.

10) Far-se-ão dissertações biográficas acêrca de sábios, poetas, artistas, e literatos, a começar pelos nacionais, para o que se organizará uma lista, na qual serão designados, com a precisa antecedência, o dissertador e a vítima. Também se farão dissertações sôbre datas nacionais ou estrangeiras.

11) Essas dissertações serão feitas em palestras, sendo proibido o tom oratório, sob pena de vaia.

12) Haverá um livro em que se registrará o resultado das fornadas com o maior laconismo possível, assinando todos os Padeiros presentes.

13) As despesas necessárias serão feitas mediante finta passada pelo Gaveta, que apresentará conta do dinheiro recebido e despendido.

14) É proibido o uso de palavras estranhas à língua vernácula, sendo, porém, permitido o emprêgo dos neologismos do Dr. Castro Lopes.

15) Os Padeiros serão obrigados a comparecer à fornada, de flor à lapela, qualquer que seja a flor, com exceção da de chichá.

16) Aquêle que durante uma semana não disser uma pilhéria de espírito, pelo menos, fica obrigado a pagar no sábado café para todos os colegas. Quem disser uma pilhéria superiormente fina, pode ser dispensado da multa da semana seguinte.

17) O Padeiro que fôr pegado em flagrante delito de plágio, falado ou escrito, pagará café e charutos para todos os colegas.

18) Todos os Padeiros serão obrigados a defender seus colegas da agressão de qualquer cidadão ignaro e a trabalhar, com tôdas as fôrças, pelo bem-estar mútuo.

19) É proibido fazer qualquer referência à rosa de Malherbe e escrever nas fôlhas mais ou menos perfumadas dos álbuns.

20) Durante as fornadas, é permitido ter o chapéu na cabeça, exceto quando se falar em Homero, Shakespeare, Dante, Hugo, Goethe, Camões e José de Alencar, porque, então, todos se descobrirão.

21) Será julgada indigna de publicidade qualquer peça literária em que se falar de animais ou plantas estranhas à Fauna e à Flora brasileiras, como: cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho, etc. etc.

22) Será dada a alcunha de "medonho" a todo sujeito que atentar pùblicamente contra o bom senso e o bom gôsto artísticos.

AS-Dv-017 (357) -48-

23) Será preferível que os poetas da "Padaria" externem suas idéias em versos.

24) Trabalhar-se-á por organizar uma biblioteca, empregando-se para isso todos os meios lícitos e ilícitos.

25) Dirigir-se-á um apêlo a todos os jornais do mundo, solicitando a remessa dos mesmos à biblioteca da "Padaria".

26) São considerados, desde já, inimigos naturais dos Padeiros — o Clero, os alfaiates e a polícia. Nenhum Padeiro deve perder ocasião de patentear o seu desagrado a essa gente.

27) Será registrado o fato de aparecer algum Padeiro com colarinho de nitidez e alvura contestáveis.

28) Será punido com expulsão imediata e sem apêlo o Padeiro que recitar ao piano.

29) Organizar-se-á um Calendário com os nomes de todos os grandes homens mortos. Haverá uma pedra para se escrever o nome do **Santo** do dia, nome que também será escrito na Ata, em seguida à data respectiva.

30) A Avenida Caio Prado é considerada a mais útil e a mais civilizada das instituições que felizmente nos regem, e, por isso, ficará sob o patrocínio da "Padaria".

31) Encarregar-se-á um dos Padeiros de escrever uma monografia a respeito do incansável educador Professor Sobreira e suas obras.

32) A "Padaria" representará ao Govêrno do Estado contra o atual horário da Biblioteca Pública e indicará um outro mais consoante às necessidades dos famintos de idéias.

33) Nomear-se-ão comissões para apresentarem relatórios sôbre os estabelecimentos de instrução pública e particular da Capital, relatórios que serão publicados.

34) A "Padaria Espiritual" obriga-se a organizar, dentro do mais breve prazo possível, um Cancioneiro Popular, genuìnamente cearense.

35) Logo que estejam montados todos os maquinismos, a "Padaria" publicará um jornal que, naturalmente, se chamará **O Pão.**

36) A "Padaria" tratará de angariar documentos para um livro contendo as aventuras do célebre e extraordinário Padre Verdeixa.

37) Publicar-se-á, no comêço de cada ano, um almanaque ilustrado do Ceará, contendo indicações úteis e inúteis, primores literários e anúncios de bacalhau.

38) A "Padaria" terá correspondentes em tôdas as capitais dos países civilizados, escolhendo-se para isso literatos de primeira água.

39) As mulheres, como entes frágeis que são, merecerão todo o nosso apoio, excetuadas: as fumistas, as freiras e as professôras ignorantes.

40) A "Padaria" desejaria muito criar aulas noturnas para a infância desvalida; mas, como não tem tempo para isso, trabalhará por tornar obrigatória a instrução pública primária.

41) A "Padaria" declara, desde já, guerra de morte ao bendegó do **Cassino.**

42) É expressamente proibido aos Padeiros receberem cartões de trôco dos que atualmente se emitem nesta Capital.

43) No aniversário natalício dos Padeiros, ser-lhes-á oferecida uma refeição pelos colegas.

44) A "Padaria" declara embirrar solenemente com a secção "Para Matar o Tempo", do jornal **A República,** e, assim, se dirigirá à redação dêsse jornal, pedindo para acabar com a mesma secção.

45) Empregar-se-ão todos os meios de compelir Mané Côco a terminar o serviço da "Avenida Ferreira".

46) O Padeiro que, por infelicidade, tiver um vizinho que aprenda clarineta, piston ou qualquer outro instrumento irritante, dará parte disto à "Padaria" que trabalhará para pôr têrmo a semelhante suplício.

47) Pugnar-se-á pelo aformoseamento do Parque da Liberdade, e pela boa conservação da cidade, em geral.

AS-DV-017 (357) -49-

48) Independente das disposições contidas nos artigos precedentes, a "Padaria" tomará a iniciativa de qualquer questão emergente que entenda com a Arte, com o Bom Gôsto, com o Progresso e com a Dignidade Humana.

* * *

Êste programa, que foi "Amassado e assado na 'Padaria Espiritual', aos 30 de maio de 1892", transcrevemo-lo do livro **A Padaria Espiritual**, de Leonardo Mota, de onde colhemos inúmeras outras informações a respeito da entidade.

Algumas determinações deixaram de ser cumpridas, como aquela do item 5, sôbre o livro com todos os dados a respeito dos "padeiros", o que seria de grande importância para nós, que somos a "Posteridade" hoje. Quanto à bandeira da agremiação, que ainda hoje pode ser vista, já muito desbotada, no Museu do Instituto do Ceará, tem efetivamente o distintivo previsto, mas em campo vermelho e não nas côres nacionais, como reza o item 7; o Calendário, de que fala o item 29, vigorou apenas durante os primeiros dias. O item 31 refere-se a uma monografia a respeito do professor Sobreira; na verdade, tratava-se de pilhéria, pois os "padeiros" implicavam com êsse educador, chegando Adolfo Caminha a criar um nôvo tipo de praga: "Mil Sobreiras te persigam!"; infelizmente não foi cumprido o prometido no item 34, isto é, a organização de um Cancioneiro Popular, genuìnamente cearense. O mesmo ocorreu com o prometido livro sôbre as aventuras do Padre Verdeixa (item 36), e com o almanaque de que fala o item seguinte.

Quando ao **Cassino**, que chamavam de "monstrengo de alvenaria", foi realmente demolido, como disse depois Antônio Sales, "não a golpes de picareta, mas a golpe de pena Mallat"...

Foi a Padaria Espiritual fundada, como diz o item 3 do Programa de Instalação, com 20 sócios, dos quais damos a

relação, com os respectivos "nomes de guerra", ainda segundo Leonardo Mota, na obra citada:

JOVINO GUEDES (Venceslau Tupiniquim)
ANTÔNIO SALES (Moacir Jurema)
TIBÚRCIO DE FREITAS (Lúcio Jaguar)
ULISSES BEZERRA (Frivolino Catavento)
CARLOS VÍTOR (Alcino Bandolim)
JOSÉ DE MOURA CAVALCÂNTI (Silvino Batalha)
RAIMUNDO TEÓFILO DE MOURA (José Marbri)
ÁLVARO MARTINS (Policarpo Estouro)
LOPES FILHO (Anatólio Gerval)
TEMÍSTOCLES MACHADO (Túlio Guanabara)
SABINO BATISTA (Sátiro Alegrete)
JOSÉ MARIA BRÍGIDO (Mogar Jandira)
HENRIQUE JORGE (Sarazate Mirim)
LÍVIO BARRETO (Lucas Bizarro)
LUÍS SÁ (Correggio del Sarto)
JOAQUIM VITORIANO (Paulo Kandalaskaia)
GASTÃO DE CASTRO (Inácio Mongubeira)
ADOLFO CAMINHA (Félix Guanabarino)
JOSÉ DOS SANTOS (Miguel Lince)
JOÃO PAIVA (Marco Agrata)

Posteriormente foram admitidos mais catorze, que são:

ANTÔNIO DE CASTRO (Aurélio Sanhaçu)
JOSÉ CARLOS JÚNIOR (Bruno Jaci)
RODOLFO TEÓFILO (Marcos Serrano)
ALMEIDA BRAGA (Paulo Giordano)
VALDEMIRO CAVALCÂNTI (Ivan d'Azhoff)
ANTÔNIO BEZERRA (André Carnaúba)
JOSÉ CARVALHO (Cariri Braúna)
X. DE CASTRO (Bento Pesqueiro)
JOSÉ NAVA (Gil Navarra)
ROBERTO DE ALENCAR (Benjamim Cajuí)
FRANCISCO FERREIRA DO VALE (Flávio Boicininga)

AS+Dv-017 (357) -50-

AUTUR TEÓFILO (Lopo de Mendoza)
CABRAL DE ALENCAR (Abdhul Assur)
EDUARDO SABÓIA (Braz Tubiba)

OS 34 "PADEIROS"

OS 20 FUNDADORES

JOVINO GUEDES (Venceslau Tupiniquim) foi o primeiro Padeiro-Mor que teve a Padaria Espiritual, sendo a fase de sua presidência, que durou desde a fundação da entidade até outubro de 1894, a fase mais boêmia, justamente quando a agremiação mais escandalizava, com sua originalidade, "os burgueses ignaros". Traduzindo bem o espírito que regia a "Padaria" nos primeiros tempos, certa vez Venceslau Tupiniquim endereçou um ofício à Emprêsa Telefônica, solicitando a colocação de um aparelho no "forno", absolutamente grátis, devendo a emprêsa contentar-se com receber, em troca, "um comovido agradecimento"...

Conhecedor profundo do vernáculo, foi professor do Liceu. Foi também deputado estadual e, no Pará, onde residiu algum tempo, ocupou altos cargos administrativos.

Pouco escreveu: nos primeiros números de **O Pão** encontra-se uma secção que redigia, "Companhia Ferro Carril", além de pensamentos, de parceria com outros, na secção "Saco de Ostras". Em livro apenas deixou **Carta Aberta a Rodolfo Teófilo** (1902), publicado em Manaus, e contendo "Refutação a alguns pontos do livro **Sêcas do Ceará**, de Rodolfo Teófilo".

Jovino Guedes nasceu no Icó, a 26 de agôsto de 1859, e faleceu em Fortaleza, a 26 de agôsto (dia de seu aniversário) de 1905.

ANTÔNIO SALES (Moacir Jurema) é uma das figuras mais importantes da literatura cearense, tendo seu nome repercutido no Sul do País.

Trabalhou no comércio ainda menino, chegando mais tarde a ser Secretário do Interior e Justiça e deputado à Assembléia Legislativa do Estado. Foi êle quem idealizou, batizou e apresentou a Padaria Espiritual, redigindo-lhe o Programa de Instalação, que leu por ocasião da sessão inaugural, as Atas e o Retrospecto. Foi Primeiro-Forneiro na gestão dos três Padeiros-Mores, só deixando as funções em 1897, quando se transferiu para o Rio de Janeiro, onde passou a ocupar importante cargo no Tesouro Nacional. Seu nome já era bem conhecido no Sul, razão por que foi recebido com grande simpatia pelas maiores figuras das letras de então, tornando-se íntimo de Machado de Assis, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, João Ribeiro e outros. Foi redator de vários jornais e colaborador de outros tantos, ficando famosa a secção que redigiu no **Correio da Manhã**, intitulada "Pingos e Respingos" (de parceria com outros, segundo nos informou Edigar de Alencar) onde vergastava, com terríveis epigramas, alguns homens da política e da administração.

Publicou **Versos Diversos** (Fort., 1890), **Trovas do Norte** (idem, 1895), **Poesias** (Rio, 1902), **Aves de Arribação** (Lisboa, 1914 — 2.ª ed. S. Paulo, 1929 — 3.ª ed. Fort., 1965), **Panteon** (Fort., 1919), **Minha Terra** (idem, 1919), **Retratos e Lembranças** (idem, 1938), sendo ainda de sua autoria, para o teatro, **A Política é a Mesma** (Fort., 1891), de parceria com Alfredo Peixoto e o **Matapau** (idem, 1931). Sob o pseudônimo de Martim Soares publicou no Rio, em 1912, **O Babaquara**, terrível libelo contra o govêrno Acióli. Acrescentem-se os livros póstumos **Águas Passadas** (Rio, 1944 — prefácio de Faustino Nascimento) e **Fábulas Brasileiras** (Rio, 1944 — prefácio de Martins d'Alvarez). No centenário do autor publicou a Secretaria de Cultura do Ceará, em cooperação com a Universidade Federal do Ceará, a sua **Obra Poética** (Fort., 1968), organizada por Braga Montenegro e com Apresentação de Otacílio Colares. Antônio Sales foi um dos maiores poetas da fase parnasiana no Ceará e seu romance **Aves de Arribação** é considerado um dos melhores da literatura cearense. Deixou inacabado o romance **Estrada de Damasco**.

AS-Dv-017 (357) -51-

Nasceu no Paràzinho, Paracuru, a 13 de junho de 1868 e faleceu em Fortaleza, a 14 de novembro de 1940. Figura numa foto que reúne 13 "padeiros", tirada provàvelmente em 1894.

Luís **TIBÚRCIO DE FREITAS** (Lúcio Jaguar) chegou a ser eliminado da "Padaria" em 1894, quando já residia no Rio, para onde se transferira. É que fôra acusado de atacar a agremiação em jornais da Capital. Êsse ato, porém, foi reconsiderado, quando se apurou que tal não ocorrera.

Aí por volta de 1895 fazia parte de um pequeno grupo, que às vêzes se reunia no quarto onde morava, e era constituído de figuras destacadas do Simbolismo no Rio: Cruz e Sousa, Nestor Vítor, Carlos D. Fernandes, ao quais se juntariam ainda Félix Pacheco e Maurício Jubim. Conta-se que Tibúrcio de Freitas era uma espécie de conselheiro literário de Cruz e Sousa, o maior simbolista brasileiro.

Nasceu em Baturité, e faleceu no Rio de Janeiro, a 8 de abril de 1918. Seu entêrro foi feito a expensas da Sociedade dos Funcionários Públicos e Nestor Vítor fêz o discurso de beira-túmulo.

Escrevia prosa simbolista. Adolfo Caminha, num artigo de 1895, estampado nas **Cartas Literárias**, diz acreditar que o Tibúrcio anda "ruminando, talvez, alguma grande obra", e acrescenta: "é bem de crer que apareça deslumbrando pela forma ou por qualquer uma qualidade extraordinária do seu espírito". Nada, porém, nos deixou o Lúcio Jaguar.

ULISSES BEZERRA (Frivolino Catavento) foi jornalista, colaborando em quase todos os jornais e revistas de seu tempo.

Foi um dos principais redatores da revista **A Jangada,** fundada em 1909. Foi correspondente da **Província do Pará.** Nasceu em Arneirós, a 6 de dezembro de 1865 e faleceu em Fortaleza, a 3 de agôsto de 1920. Não deixou livro publicado, ficando inédito um volume de crônicas que pretendia publicar, intitulado **Páginas Sôltas.** Figura na única foto de membros da "Padaria".

CARLOS VÍTOR (Alcino Bandolim) era poeta e, ao tempo da última sessão da Padaria Espiritual, a 20 de dezembro de 1898, não residia mais em Fortaleza, segundo informação de Leonardo Mota, na obra citada. Nada mais sabemos a seu respeito.

JOSÉ DE MOURA CAVALCÂNTI (Silvino Batalha) nasceu a 13 de setembro de 1865 e faleceu a 21 de setembro de 1928. Apesar de ter vivido 63 anos, nada mais sabemos com relação a êsse "padeiro".

RAIMUNDO TEÓFILO DE MOURA (José Marbri) é outro a respeito do qual pouco se sabe. Nasceu em Sobral a 15 de junho de 1872. Não deixa de ser estranho que seu nome de guerra seja êsse, **José Marbri,** que melhor parece aplicar-se a José Maria Brígido; êste, porém, segundo Leonardo Mota, tinha o nome de Mogar Jandira.

ÁLVARO Dias **MARTINS** (Policarpo Estouro) foi um dos grandes poetas da "Padaria". Publicou **Os Pescadores de Taíba** (Fortaleza, 1895), **Capela Milagrosa** (Idem, 1898), **Agonia Suprema** (Idem, 1901), **Casa Mal-assombrada** (Idem, 1903), além da produção teatral: **Belecho** (1898), **Lopes Veiga e Companhia** (1898) e **Me Ceda...** (1908).

Álvaro Martins, que também usava o pseudônimo **Alvarins,** havia trabalhado em jornal no Rio de Janeiro, bem antes da fundação da Padaria Espiritual: fôra repórter da **Cidade do Rio,** de José do Patrocínio, em 1887 e da **Gazeta Nacional,** de Aristides Lôbo. Seu primeiro livro granjeou-lhe certa notoriedade, merecendo elogios de destacados escritores do Sul do País e de Portugal.

Desavindo-se com os companheiros da "Padaria", fundou em 1894, com Temístocles Machado e outros, o Centro Literário, o que terminou por lhe valer a expulsão da primeira, no dia seguinte ao da fundação do citado grêmio.

É famosa a tradução que fêz do "Banco de Coral" de Heredia, e conta-se que Eça de Queirós a considerava superior ao próprio original francês!

AS-Dv-017 (357) -52-

Alvarins nasceu no Trairi, a 4 de abril de 1868 e faleceu em Fortaleza, a 30 de junho de 1906.

LOPES FILHO (Anatólio Gerval), cujo nome completo era João Lopes de Abreu Lage, foi o autor do primeiro livro simbolista de poesia surgido no Ceará ou talvez no Nordeste brasileiro, **Phantos** (Fortaleza, 1893), editado precisamente no ano em que no Rio de Janeiro era publicado o livro inaugural do Simbolismo brasileiro, **Broquéis**, de Cruz e Sousa. Viveu algum tempo no Amazonas.

Conforme verificamos, a Padaria Espiritual pretendia publicar, de Lopes Filho, **A Vida** — poema (anunciado na 4.ª capa do livro **Flocos** de Sabino Batista) e **O Eremita** — poemeto (anunciado no livro **Marinhas** de Antônio de Castro); tais livros jamais foram editados, não se podendo saber se se tratava do mesmo poema, que mudara de título.

Lopes Filho nasceu em Fortaleza, a 7 de abril de 1868 e faleceu na mesma cidade, a 19 de julho de 1900. Figura na única foto de alguns membros da Padaria Espiritual.

TEMÍSTOCLES MACHADO (Túlio Guanabara) foi, com Álvaro Martins, um dos fundadores do Centro Literário, e seu primeiro Presidente. Consta que no Rio de Janeiro, para onde se transferira, passou a hostilizar a "Padaria", publicando artigos contra a agremiação na imprensa carioca; por isso, foi expulso, juntamente com Policarpo Estouro, na sessão do dia seguinte ao da fundação do Centro Literário.

Publicou **Mirtos** (Rio, 1897), seu mais famoso livro, prefaciado por Valentim Magalhães, **O Caso do Amazonas** (1898), **A Esmola** (1900), **O Maldito** (1901), **Pela República** (1902), e **Invocação de Vítima** (1904). Em Manaus, onde residiu algum tempo, escreveu **A Fileteida**, sátira contra o governador Fileto Pires.

Usava os pseudônimos João da Ega, Alfredo César, Padre Teobaldo, além do nome de guerra da "Padaria". Deixou

vários livros inéditos. Nasceu em Limoeiro, a 25 de agôsto de 1874 e faleceu em Senador Pompeu, a 5 de agôsto de 1921.

Manuel **SABINO BATISTA** (Sátiro Alegrete) foi outro dos bons poetas que teve a "Padaria". Publicou dois livros: **Flocos** (Fortaleza, 1894) e **Vagas** (Idem, 1896).

Não era cearense, tendo nascido na Paraíba, a 30 de dezembro de 1868; faleceu em Fortaleza, a 16 de agôsto de 1899. Era casado com a poetisa Ana Nogueira Batista. Figura na citada foto da Padaria Espiritual.

JOSÉ MARIA Vóssio **BRÍGIDO** (Mogar Jandira) nasceu em Itapipoca, no ano 1870. Nada mais sabemos a seu respeito além do fato de ter sido contista. Adolfo Caminha fala-nos dê-le, em 1895, "escrevendo contos para os jornais de Penedo".

A "Padaria" anunciou, na 4.ª capa do livro **Flocos**, de Sabino Batista, dois livros de José Maria Brígido: **Dilúculos**, de poesia, e **Contos**. Nenhum dos dois, porém, foi editado.

HENRIQUE JORGE (Sarazate Mirim) era um dos artistas da "Padaria"; violinista, fêz excursão pelo Norte do País obtendo êxito. Várias sessões da agremiação foram ilustradas com números musicais por êle executados. Nasceu em Fortaleza, a 10 de fevereiro de 1872, e faleceu na mesma cidade, a 6 de outubro de 1928. Chamavam-no, na "Padaria", o Embaixador da Música.

LÍVIO BARRETO (Lucas Bizarro) foi outro dos grandes poetas da agremiação, sendo mesmo considerado o maior simbolista cearense. Obrigado, desde muito cedo, a lutar pela subsistência, jamais conseguiu um trabalho condizente com sua vocação de artista, advindo-lhe daí, e mais de um grande amor frustrado, a tristeza de que se revestem todos ou quase todos os seus versos. Seu único livro, **Dolentes**, foi editado por Valdemiro Cavalcânti, que o prefaciou (Fortaleza, 1897). É livro póstumo, pois o poeta, nascido em Granja, a 18 de feve-

AS-Dv-017 (357) -53-

reiro de 1870, faleceu em Camucim, a 29 de setembro de 1895, na banca de trabalho, vítima de congestão cerebral.

Por ocasião de seu centenário a Secretaria de Cultura do Ceará publicou, com a cooperação da Universidade do Ceará, a segunda edição dos **Dolentes**, organizada por Braga Montenegro e com Apresentação e Notas de Sânzio de Azevedo.

Figura no **Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro**, de Andrade Muricy (vol. I, Rio, INL, 1952, pp. 353-8).

LUÍS Félix de **SÁ** (Correggio del Sarto) era outro artista da agremiação, sendo êste desenhista e pintor. "Numa das primeiras fornadas — informa Leonardo Mota — desenhou na parede os nomes dos Padeiros." Pelas atas da sociedade, redigidas por Moacir Jurema, fica-se sabendo que êle interpretava "a psicose de alguns nomes". Luís Sá, que era o Plenipotenciário da Palheta e do Pincel, nasceu em Fortaleza, a 9 de janeiro de 1845 e faleceu a 23 de dezembro de 1898.

JOAQUIM VITORIANO (Paulo Kandalaskaia) é um dos "padeiros" a respeito de quem pouco se pode dizer: segundo ainda informa Leonardo Mota, êle entrou para a agremiação "não em virtude do cérebro e, sim, do braço e da coragem de que era dono". Era portanto uma espécie de guarda-costas dos confrades. No entanto, por pilhéria, na sessão de 15 de julho de 1892, foi êle escalado para dissertar sôbre Spencer! Sabe-se que foi assassinado, em plena Praça do Ferreira, no ano de 1894.

GASTÃO DE CASTRO (Inácio Mongubeira). Nada se sabe a respeito dêste "padeiro", a não ser os nomes de paz e de guerra...

ADOLFO Ferreira **CAMINHA** (Félix Guanabarino), que seria um dos maiores nomes não só da literatura cearense, mas das letras brasileiras na fase naturalista, fêz muito pouco pela Padaria Espiritual. Sendo quase nula a sua participação durante a primeira fase de vida da sociedade, passou

a criticar duramente, do Rio de Janeiro, para onde se transferiu, a seriedade assumida pela "Padaria" depois de 1894, advindo daí muito provàvelmente a sua expulsão, em 1896.

Oficial de Marinha, teve de abandonar a corporação devido a um escândalo em que se envolveu e que o tornou mal visto na Fortaleza de então. Transferido para a Capital federal, no mesmo ano em que havia sido fundada a Padaria Espiritual, escreveu o hoje famoso romance **A Normalista**, em que pretendia vingar-se da sociedade que o desprezara.

Adolfo Caminha havia há tempos publicado um livro de poemas, **Vôos Incertos** (Rio, 1886), e um de contos, **Judite e Lágrimas de um Crente** (Idem, 1887); depois, vieram o citado **A Normalista** (Idem, 1893), **No País dos Ianques** (Idem, 1894), **O Bom Crioulo** (Idem, 1895), **Cartas Literárias** (Idem, 1895) e **Tentação** (Idem, 1896).

No seu penúltimo livro, **Cartas Literárias**, de ensaios críticos, há um interessante artigo, "A Padaria Espiritual", onde conta o nascimento da agremiação e lamenta a falta de espontaneidade de sua última fase.

Nascido em Aracati, a 29 de maio de 1867, faleceu no Rio de Janeiro, tuberculoso, a 1.º de janeiro de 1897.

JOSÉ DOS SANTOS (Miguel Lince) é, como Gastão de Castro e outros, um "padeiro" do qual apenas podemos registrar o nome, por nos faltarem dados a seu respeito.

JOÃO PAIVA (Marco Agrata) está no mesmo caso do precedente, quanto às datas de nascimento e morte. Mas podemos acrescentar, com base em Leonardo Mota, que era um dos peritos afinadores de piano de Fortaleza, aí por volta de 1888. E foi, com José Maria Brígido, discípulo de Luís Sá.

Os 14 que vieram depois

ANTÔNIO DE CASTRO Vidal Barbosa (Aurélio Sanhaçu) foi outro destacado poeta da agremiação, chegando a ser, mais tarde, um dos primeiros parnasianos do Ceará.

AS-Dv-017 (357) -54-

Publicou **Versos** (Fortaleza, 1894) e **Marinhas** (Idem, 1897), ainda longe da tortura formal a que chegaria.

Nasceu em Aracati, a 2 de maio de 1872 e faleceu em Fortaleza, a 25 de setembro de 1935. Figura na citada foto de alguns membros da Padaria Espiritual.

JOSÉ CARLOS da Costa Ribeiro **JÚNIOR** (Bruno Jaci) foi o segundo Padeiro-mor, durando sua gestão de 1894 a 1896, quando faleceu. Sua presidência, segundo Leonardo Mota, "ficou assinalada como o período mais brilhante da vida da instituição". Em 1890, antes, portanto, da fundação da "Padaria", prefaciou o livro de estréia de Antônio Sales.

Bacharel em Direito, foi Promotor e Juiz no interior do Ceará. Foi chefe de Polícia e Secretário da Fazenda. Poliglota, foi ainda professor de línguas no Liceu.

Deixou contos e poemas inacabados, e consta que poetava em vários idiomas. Publicou uma tradução de Goethe, **O Sino** (1882), prefaciada por Clóvis Beviláqua.

Como Sabino Batista, não era cearense, pois nasceu na Paraíba, a 24 de julho de 1860, e faleceu em Fortaleza, a 29 de maio de 1896. Figura também na foto dos "padeiros".

RODOLFO Marcos **TEÓFILO** (Marcos Serrano) é outro dos grandes nomes das letras cearenses, embora não haja sido um perfeito estilista. Foi romancista, contista, naturalista, poeta, historiador e político, além de sanitarista, havendo recebido o título de Varão Benemérito da Pátria, pelo combate que empreendeu, por conta própria, contra a varíola que dizimava a população, flagelada pela sêca.

Publicou **A Fome** (Fortaleza, 1890 — 2.ª ed. 1920), **Os Brilhantes** (1895), **Maria Rita** (1897), **Violação** (1899), **Paroara** (1899), **O Conduru** (1910), **Memórias de um Engrossador** (1912), **Lira Rústica** (1913), **Telesias** (1913), **Cenas e Tipos** (1919), **Reino de Kiato** (1922), **O Caixeiro** (1927), **Coberta de Tacos** (1913), de literatura, e mais os seguintes, de história: **Sêcas do Ceará-Segunda Metade do Século XIX** (1901), **História da Sêca do Ceará** (1922), **Sêca de 1915**

(1922), **Sêca de 1919** (1922), **Libertação do Ceará** (1914), **A Sedição do Juàzeiro** (1922), e mais os seguintes, de ciência: **Botânica Elementar** (1890), **Ciências Naturais em Contos** (1890), **Monografia da Mucunã** (1924), sem falar no livro de polêmica **Os Meus Zoilos** (1924).

Apesar de fazer questão de ser considerado cearense, Rodolfo Teófilo nasceu na Bahia, a 6 de maio de 1853, e faleceu em Fortaleza, a 2 de julho de 1932. Com efeito, aqui viveu desde criança e produziu tôda a sua obra. Figura na foto da "Padaria".

ALMEIDA BRAGA (Paulo Giordano) nasceu no Maranhão; e nisso se resume o que dêle sabemos, desconhecendo-lhe inclusive o prenome. Figura na citada foto da Padaria Espiritual.

VALDEMIRO CAVALCÂNTI (Ivan d'Azhoff) foi jornalista desde menino, tendo fundado um jornal com 11 anos de idade. Foi colega de Lívio Barreto na Escola do prof. Garcez e no Gabinete de Leitura do Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos, em Granja.

Colaborou na imprensa pernambucana, tendo-se bacharelado em Direito na Faculdade de Direito do Recife. Foi Promotor no Icó, e depois Secretário de Polícia em Fortaleza. Ocupou ainda o cargo de Diretor da Escola Normal, e exerceu a advocacia.

Fêz parte da Academia Cearense de Letras, e deixou publicados **Males e Remédios — Pró Ceará** (1896), e **Discurso** (1899). É o prefaciador dos **Dolentes**, de Lívio Barreto.

Nasceu em Granja, a 26 de janeiro de 1869 e faleceu em Fortaleza, a 3 de fevereiro de 1914. Figura na foto da "Padaria", citada.

ANTÔNIO BEZERRA de Meneses (André Carnaúba) pertenceu também ao Centro Literário, sem porém romper com a Padaria Espiritual. Quando da fundação da "Padaria", já havia êle publicado cinco livros, a saber: **Sonhos de Môça**

AS-Dv_017 (359) -55-

(1872), **Três Liras** (1883, em colaboração com Antônio Martins e Justiniano de Serpa), **Maranguape, Notas de Viagem** (1885), **Horas de Recreio** (1886) e **Província do Ceará, Notas de Viagem** (1889). Depois publicou **O Ceará e os Cearenses** (1906) e **Algumas Origens do Ceará** (1918). Note-se que os dois primeiros livros são de poesia; posteriormente o escritor foi-se dedicando cada vez mais à História, merecendo o seu livro sôbre as origens do Ceará elogio de Capistrano de Abreu.

André Carnaúba ficou na "Padaria" até 1896, quando, devido a dificuldades financeiras, teve de transferir-se para o Amazonas, onde chegou a Diretor do Museu Amazonense e chefe da redação do jornal **A Pátria.**

Nasceu em Quixeramobim, a 21 de fevereiro de 1841, e faleceu em Fortaleza, a 28 de agôsto de 1921. É patrono de uma das cadeiras da Academia Cearense de Letras.

JOSÉ CARVALHO (Cariri Braúna) foi outro "padeiro" que se dedicou ao estudo de nossa História, dando também atenção ao folclore.

Publicou **Perfis Sertanejos** (1897), **Pero Coelho** (1903), **A Primeira Insurreição Acreana** (1904), **O Matuto Cearense, Caboclo do Pará** (1930), e ainda o drama **Dona Bárbara-1817** (1917).

Foi tabelião no Ceará e no Pará.

Era do Instituto do Ceará e deixou inúmeros artigos espalhados pelos jornais.

Naceu no Crato, a 11 de fevereiro de 1872 e faleceu no Rio de Janeiro, a 15 de dezembro de 1933.

X. DE CASTRO (Bento Pesqueiro), cujo nome completo era Augusto Xavier de Castro, adquiriu alguma notoriedade em seu tempo compondo versos populares em redondilha maior.

Foi o primeiro "padeiro" a falecer, pois, nascido em Fortaleza a 30 de janeiro de 1858, faleceu a 30 de abril de 1895, na mesma cidade, vitimado por aneurisma na aorta. A edição

de **O Pão** de 30 de maio dêsse ano foi tôda dedicada à sua memória.

Seu único livro, **Cromos** (Fortaleza, 1895), foi editado pòstumamente, por iniciativa de Guilherme Studart e José Carlos Júnior, sendo êste Padeiro-mor.

Os seus **Cromos** eram tão populares que o livro se esgotou em menos de quatro dias, fato inédito na província, notadamente àquela época.

JOSÉ NAVA (Gil Navarra) doutourou-se em Medicina na Capital do País, em 1901.

Nascido em Fortaleza, a 18 de setembro de 1876, faleceu no Rio de Janeiro, a 30 de julho de 1911. Figura na citada foto da Padaria Espiritual.

ROBERTO DE ALENCAR (Benjamim Cajuí) foi o mais jovem dos "padeiros", daí certamente o nome de "Benjamim".

Entre as prometidas publicações da "Padaria" figurava um livro seu, **Mignonnes,** que não chegou, porém, a ser editado.

Exercia, na associação, desde outubro de 1894, as funções de "Ôlho da Providência", e faleceu antes da última sessão da Padaria Espiritual.

Nascido em 1879, faleceu no dia 7 de setembro de 1898, segundo Leonardo Mota que, no entanto, diz êle ter 18 anos em 1894, quando entrou para a agremiação. Deve ter nascido, talvez, em 1876.

Também figura na citada foto da "Padaria".

FRANCISCO FERREIRA DO VALE (Flávio Boicininga) é outro "padeiro" de quem se pode dizer apenas, além dos nomes de paz e de guerra, que nasceu a 2 de abril de 1856 e faleceu a 24 de abril de 1918.

ARTUR TEÓFILO (Lopo de Mendoza), que foi companheiro de infância de Lívio Barreto, fundou, em 1890, em

AS-Dv-017 (357) -56-

Granja, o jornal **A Idéia**, do qual era ao mesmo tempo redator, tipógrafo e impressor.

É hoje clássico o seu artigo sôbre o poeta dos **Dolentes**, publicado no n.º 26 de **O Pão** (15 de outubro de 1895). Contista, o Barão de Studart cita várias de suas produções, destacando "A Morte da Avó", "O Caso do Sargento" e "O Exame Primário". Deixou inacabado um romance, que se intitularia **O Cigano**.

Nasceu em Granja, a 22 de dezembro de 1871, e faleceu a 2 de agôsto de 1899. Figura na foto da "Padaria".

José **CABRAL DE ALENCAR** (Abdhul Assur) escrevia, como Tibúrcio de Freitas, prosa poemática. No Rio de Janeiro conviveu com os simbolistas do grupo Rosa-Cruz, em cuja revista colaborou.

Em Fortaleza, publicou artigos e contos na revista **Fortaleza** e em **O Pão**. Deixou um único livro: **Aspectos da Guerra Européia** (Fortaleza, 1915).

Formou-se em Medicina em 1901, no Rio de Janeiro.

Cabral de Alencar nasceu em Baturité, a 14 de fevereiro de 1877, e faleceu a 22 de agôsto de 1915.

EDUARDO Tomé de **SABÓIA** (Braz Tubiba) transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1894, a fim de cursar a Escola Politécnica, mas abandonou-a para dedicar-se ao jornalismo. Foi redator de **A Semana**, de Valentim Magalhães, e auxiliar de José do Patrocínio na **Cidade do Rio**.

Formou-se em Direito na Bahia, em 1902. Foi oficial de Gabinete do Governador da Bahia e, depois, lente de Direito Criminal na Faculdade de Direito do Ceará. Foi ainda Secretário da Fazenda no govêrno Acióli.

Publicou **Contos do Ceará** (Fortaleza, 1894) e **Nova Lei de Falências** (Bahia, 1902). Foi eliminado da "Padaria" em 1896, juntamente com Adolfo Caminha.

Nasceu em Fortaleza, a 1.º de maio de 1876, e faleceu a 10 de julho de 1918.

A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO

Não é pequeno o número das sociedades literárias que floresceram em todo o Nordeste brasileiro na segunda metade do século passado. Nenhuma, porém, teve a glória de ver espalhada sua fama por todo o País, sendo motivo de comentários "até na Rua do Ouvidor", consoante o depoimento de Adolfo Caminha, no Rio de Janeiro, em 1895, já então pràticamente desligado da agremiação.

Um exemplo, entre outros, da repercussão da "Padaria" no Sul do País: João Ribeiro, no "Prólogo" aos **Mármores**, de Francisca Júlia, escreveu, em 1895: "Nem aqui, nem no sul, nem no norte onde agora floresce uma escola literária (**A Padaria espiritual** do Ceará) encontro um nome que se possa opor ao de Francisca Júlia." (p. XXV)

Já seria muito a citação da "Padaria" como um grêmio provinciano; João Ribeiro foi além: deu-lhe o título, nada despiciendo, de **escola literária**...

Hoje, quase oitenta anos depois da fundação da Padaria Espiritual, é justo que nos admiremos de ter existido, no século passado, e em plena província, uma sociedade tão original. Com efeito, é digno de nota o fato de, naquele tempo, alguns rapazes protestarem contra "o tom oratório", contra a declamação ao piano, contra os versos escritos "nas fôlhas mais ou menos perfumadas dos álbuns", e principalmente contra a alusão a nomes de animais ou vegetais que não pertencessem à Fauna e à Flora nacionais. Lembre-se que essa

AS-DV-017 (357) -57-

seria, muito mais tarde, uma das preocupações de Monteiro Lobato e dos modernistas, a partir de 1922. Quanto à rosa de Malherbe, incisivamente verberada pelos "padeiros", haveria ainda de aparecer em nossa literatura poética, muitos anos depois de extinta a Padaria Espiritual.

E tão avançada estava a agremiação, para o seu tempo, que sabemos ser normal o fato de as correntes literárias dominantes no Sul do País levarem anos para que sejam aceitas nas províncias, e no entanto vários dos componentes da "Padaria" já eram simbolistas ao tempo em que no Rio de Janeiro se inaugurava êsse movimento, com as reuniões do grupo da **Fôlha Popular** e os livros **Missal** e **Broquéis** de Cruz e Sousa, considerados como o marco inicial do Simbolismo no Brasil, publicados em 1893. Dêsse mesmo ano é o livro **Phantos**, do "padeiro" Lopes Filho, considerado como fruto do decadismo.

Simbolistas foram ainda, na agremiação cearense, Tibúrcio de Freitas e Cabral de Alencar, que escreviam prosa poemática. A maior figura do Simbolismo no Ceará foi, porém, Lívio Barreto, cujo livro, **Dolentes**, como já foi dito, só depois da morte do poeta pôde ser editado.

É interessante observar que o Simbolismo da Padaria Espiritual não parece ter ligação com a poesia simbolista de Cruz e Sousa e seus epígonos, mas vem diretamente de Portugal, através do livro de Antônio Nobre. Nas suas **Cartas Literárias**, Adolfo Caminha, falando dos tempos iniciais da associação, escreveu: "O **Só** era a nossa bíblia, o nosso encanto, o nosso livro amado."

Com relação ao fato de os outros poetas da agremiação não comportarem a designação de simbolistas, como é o caso de Antônio Sales, Álvaro Martins, Antônio de Castro, Sabino Batista e outros mais, isso não vai de maneira alguma atestar anacronismo, sabendo-se, como se sabe, que o Simbolismo, no Brasil, jamais pôde sobrepor-se ao chamado Parnasianismo, coexistindo essas duas estéticas ao lado de uns restos de romantismo. Por outro lado, nenhum dos poetas citados chegou

ANTÔNIO SALES, idealizador e uma das principais figuras da Padaria Espiritual. (Lápis de Otacílio de Azevedo.)

AS-Dv-017 (357) -58-

a ser, pelo menos no tempo da "Padaria", um perfeito parnasiano, tão autênticamente quanto Lívio Barreto foi um verdadeiro simbolista.

Em suma: ninguém poderá falar em Simbolismo no Brasil sem fazer qualquer alusão à Padaria Espiritual, do Ceará. E efetivamente o nome da entidade tem aparecido, com menor ou maior destaque, em trabalhos de críticos da estatura de Araripe Júnior, Andrade Muricy, Massaud Moisés, Afrânio Coutinho e outros.

Houve figuras importantes que não foram da "Padaria", é claro. Oliveira Paiva, por exemplo, embora seja às vêzes citado como "padeiro", não pertenceu ao grêmio. Seu romance, porém, foi anunciado na 4.ª capa do citado livro de Sabino Batista, com uma das obras a ser publicada pela entidade.

Juvenal Galeno, por sua vez, se não foi "padeiro", com nome de guerra e atuação no grupo, teve a glória de receber o título de "Padeiro-Mor Honorário", quando completou 59 anos de idade.

Além da importância do movimento, em si, há ainda um testemunho, eloqüente e imperecível, do trabalho fecundo dos "padeiros", na bibliografia que nos legaram:

Phantos — Lopes Filho (1893), **Versos** — Antônio de Castro (1894), **Flocos** — Sabino Batista (1894), **Contos do Ceará** — Eduardo Sabóia (1894), **Cromos** — X. de Castro (1895), **Trovas do Norte** — Antônio Sales (1895), **Os Brilhantes** — Rodolfo Teófilo (1895), **Vagas** — Sabino Batista (1896), **Dolentes** — Lívio Barreto (1897), **Marinhas** — Antônio de Castro (1897), **Maria Rita** — Rodolfo Teófilo (1897), **Perfis Sertanejos** — José Carvalho (1897).

Juntem-se, a tudo isso, os 36 números de **O Pão**, lembrando ainda que essa sociedade artístico-literária teve como componentes figuras do porte de Adolfo Caminha, Álvaro Martins, Antônio Sales, Rodolfo Teófilo, Antônio Bezerra e outros, e teremos de concluir que a Padaria Espiritual foi a mais importante de tôdas as agremiações culturais que teve o Ceará.

AS-Dv-017 (357) -59-

BIBLIOGRAFIA

ARARIPE JÚNIOR, T. A. **Literatura Brasileira, Movimento de 1893. O Crepúsculo dos Povos.** Rio de Janeiro, Tipografia da Emprêsa Democrática Editôra, 1896.

BARREIRA, Dolor. **História da Literatura Cearense.** Fortaleza, Editôra Instituto do Ceará Limitada, tomo 1, 1948.

CAMINHA, Adolfo. **Cartas Literárias.** Rio de Janeiro, Tipografia Aldina, 1895.

CARVALHO, Rodrigues de. "O Ceará Literário (nestes últimos dez anos)", **in Revista da Academia Cearense de Letras.** Fortaleza, t. IV, 1899.

JUREMA, Moacir. **Retrospecto dos feitos da Padaria Espiritual, a contar de 30 de maio de 1892 (dia de sua fundação) a 28 de setembro de 1894.** Fortaleza, Tipografia d' **A República,** 1894.

LINHARES, Mário. **História Literária do Ceará.** Rio de Janeiro, (Jornal do Comércio, Rodrigues & Cia.) 1948.

MOISÉS, Massaud. **O Simbolismo.** São Paulo, Editôra Cultrix, 2.ª edição, 1967.

MONTENEGRO, Braga. **Correio Retardado.** Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1966.

MOTA, Leonardo. **A Padaria Espiritual.** Fortaleza, Edésio Editor, 1938.

SALES, Antônio. "História da Literatura Cearense", **in** MARTINS FILHO, Antônio, e GIRÃO, Raimundo. **O Ceará.** Fortaleza, Editôra Fortaleza, 1938.

SALES, Antônio. **Retratos e Lembranças.** Fortaleza, Castro e Silva Editor, 1938.

STUDART, Guilherme. **Datas e Fatos Para a História do Ceará.** Fortaleza, 1924.

STUDART, Guilherme. **Dicionário Biobibliográfico Cearense.** Fortaleza, Tipolitografia a Vapor, 3 vols. (1910, 1913 e 1915).

AS-Dv-017 (357) -60-

Composto e impresso na Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, Av. da Universidade, 2932 — C. Postal, 949. Fortaleza.

PUBLICAÇÃO DA CASA DE JOSÉ DE ALENCAR

AS-Dv-017 (357) -61-